# A primeira crise econômica mundial: Marx como jornalista econômico*

Michael R. Krätke

Professor de Sociologia e diretor do Institute for Advanced Studies da Lancaster University (Inglaterra)

* Publicado com a permissão do autor. Tradução de Eleutério F. S. Prado.

**A primeira crise econômica mundial: Marx como jornalista econômico**

Escrevendo para a imprensa desde o início da década de 1840, Marx consolidou sua reputação como analista político e econômico. Um conjunto significativo de artigos, publicados no *New York Tribune* é particularmente relavante para a compreensão de seu pensamento econômico. Nesses artigos Marx analisou a grande crise econômica de 1857-1858, procurando na análise dessa situação descortinar as leis que regulam as crises do mercado mundial.
Palavras-chave: Karl Marx; Crise econômica; Jornalismo

**The first world economic crisis: Marx as a journalist on the economics**

Writing for the press since the beginning of the 1840's, Marx has consolidated his reputation as a political and economic analyst. A significant set of articles published in the New York Tribune is particularly relevant for the understanding of his economic thought. In these articles Marx analyzed the great economic crisis of 1857-1858, seeking, by the analysis of this situation, to unveil the laws which regulate the crises of the world market.
Keywords: Karl Marx; Economic crisis; Journalism

Na Prússia, dos anos 1840, a carreira acadêmica não era opção viável para o jovem Karl Marx. Por isso, começou a trabalhar como jornalista. Logo, em 1842, escreveu o seu primeiro artigo sobre temas econômicos – tratou, então, da situação dos viticultores da região da Mosela, dos debates sobre uma das últimas terras comuns remanescentes na Alemanha e do direito de retirar madeira das florestas. Assim começou a sua longa relação com a economia política. Na década após 1840, e particularmente durante a revolução de 1848-1849, tornou-se famoso como importante jornalista e editor de jornal dos democratas de esquerda na Alemanha, havendo escrito e editado centenas de artigos para o *Neue Rheinische Zeitung*. As primeiras lições de economia política de Marx foram publicadas nesse jornal, em abril de 1949. Em 1850, tendo chegado ao seu refúgio em Londres, Marx e Engels iniciaram imediatamente o projeto de um novo jornal. Usando novamente o título *Neue Rheinische Zeitung*, apresentaram o novo periódico como revista de economia política. Com esse jornal, declararam, estariam capacitados para discutir extensivamente, seguindo uma nova abordagem científica, as relações econômicas que serviam de base para todo um movimento político. Três extensas resenhas e economia política foram de fato publicadas nesse jornal, a primeira cobrindo o período entre janeiro e fevereiro de 1850,

a segunda abrangendo o período entre março e abril de 1850, e a última, a maior de todas, cobrindo o período entre maio e outubro de 1850. Nesses artigos, Marx e Engels descreveram extensivamente o curso dos eventos da crise de 1847-1848, particularmente em três países: Grã-Bretanha, França e Prússia.

Os particulares e diferentes desenvolvimentos da crise nesses países forneceram uma explicação das razões pelas quais a Grã-Bretanha foi relativamente pouco afetada pelas ondas de revolta política e revoluções ocorridas no continente. Assim como para o fato de que entrou numa nova onda de prosperidade, enquanto os países europeus sofriam ainda com crise. A própria crise iniciara uma reestruturação e expansão do mercado mundial, a qual modificaria o curso das crises cíclicas no futuro. Assim, a segunda e a terceira resenhas são terminavam com uma previsão: a próxima crise chegaria logo e ela seria muito pior do que a precedente. Quando se desencadeasse, poder-se-ia esperar uma nova revolução. O jornal faliu cedo, mas Marx e Engels continuaram apoiando a imprensa radical do Cartismo, na Inglaterra. Uma grande quantidade de artigos econômicos publicados nas *Notes to the People* e no *People's Paper* foram escritos com a colaboração direta de Marx.

Em 1851, Charles Dana, então editor do *New York Tribune*, convidou Marx para ser um de seus correspondentes na Europa. Marx aceitou. De agosto de 1851 até fevereiro de 1862, ele e Engels escreveram semanalmente, de modo regular, muitos artigos para esse jornal. Na verdade, a primeira série de artigos (sobre a revolução e a contra-revolução na Alemanha) redigida para aquele jornal foi escrita por Engels, tendo sido publicada, porém, sob o nome de Marx. Em cerca de dez anos, Marx e Engels escreveram algumas centenas de artigos importantes, dos quais o *Tribune* publicou pouco mais do que 490, muitos dos quais (cerca de 45%) não assinados. Para esse montante, Engels contribuiu

expressivamente, já que escreveu mais do que um quarto deles, principalmente aqueles que tratavam de temas militares e de guerras. Uma grande parte, cerca de um terço dos artigos de Marx, devotava-se à análise de temas financeiros e econômicos da atualidade, principalmente da Grã-Bretanha, mas também de outros países europeus, assim como da economia mundial como um todo. Como o *New York Tribune* crescera rapidamente, pois vendia eventualmente cerca de 300 mil exemplares, e se tornara o maior jornal de língua inglesa do mundo, Marx tornara-se um dos mais importantes e mais lidos jornalistas econômicos do seu tempo, um especialista renomado em todos os assuntos financeiros e econômicos. As suas análises sobre as crises financeiras e econômicas da Europa eram, pois, altamente respeitadas. Marx ganhara, inclusive, uma reputação como importante conhecedor de política internacional – ele escreveu sobre todos os maiores conflitos e guerras internacionais de seu tempo.

Em 1859, no prefácio de *Uma contribuição à crítica da economia política*, Marx se referiu ao seu trabalho para o *New York Tribune*, realçando o fato de que tinha adquirido conhecimento de um grande conjunto de detalhes práticos da vida econômica, o qual superava de longe o escopo da ciência da Economia Política propriamente. Mesmo enquanto escrevia os manuscritos dos *Grundrisse*, o seu trabalho jornalístico, embora reduzido sob a pressão da crise, teve continuidade à medida que descrevia e analisava os maiores acontecimentos gerados pela grande crise de 1857-1858. Na verdade, uma boa parte de seu trabalho jornalístico no ano precedente de 1856 havia sido dedicada às crises monetárias na Europa, as quais ele via como o gatilho de uma grande crise que estivera esperando desde 1850. Em novembro de 1857, para a sua própria satisfação, Marx viu que muitas de suas predições se tornavam verdadeiras: nesse momento, o governo britânico, pressionado pelos representantes da City, suspendera novamente a Lei

Bancária de 1844 – exatamente como Marx previra num artigo publicado poucos dias antes no *New York Tribune*. Até a primavera e o verão de 1858, Marx continuou fazendo comentários sobre os acontecimentos da crise na Europa, tentando explicar a sua rápida reversão no sentido de uma recuperação, tal como ocorreu na Grã-Bretanha e outros países europeus. O seu trabalho regular como jornalista terminou em 1862 e, assim, Marx não pôde comentar os eventos das crises seguintes de 1866 e 1873.[1]

Para a teoria política de Marx, tal como para a sua crítica da economia política, o seu trabalho como jornalista era de capital importância. Em seus artigos, Marx tratou extensivamente tópicos que não tocou em seus grandes manuscritos. Por várias vezes usou material de seus trabalhos jornalísticos em seus inacabados e longos manuscritos econômicos. Alguns dos tópicos que figuraram de modo proeminente em seus planos de fazer uma crítica compreensiva da economia política – tal como, por exemplo, dinheiro e atividade bancária moderna, mercados financeiros e suas crises, mercado mundial, estruturas internacionais do comércio por meio das quais umas nações exploram outras, colônias, colonialismo e sua importância para o desenvolvimento do capitalismo, e diferentes formas de finanças públicas e economia pública – foram apenas tratados por Marx em seus artigos de jornal (cf. Krätke, 2006). Algumas de suas mais sofisticadas reflexões sobre o Estado moderno, sobre o seu desenvolvimento histórico no contexto do sistema europeu de estados nacionais, sobre o desenvolvimento das principais e mais significativas formas da política nas sociedades burguesas modernas, apenas podem ser encontradas numa série de artigos de jornal, os quais foram escritos por Marx em diversas ocasiões. Tais artigos, que tratam de eventos políticos em diversos

1 Na verdade, Marx continuou escrevendo artigos para os jornais alemães e austríacos, notavelmente para o *Die Presse*, no curso dos eventos e sob o fundo da Guerra Cível Americana, até o fim do ano de 1862.

países tais como Grã-Bretanha, França, Espanha e Prússia, são fontes de primeira grandeza, indispensáveis, para todos aqueles que desejam estudar seriamente a teoria política de Marx.

## Da revolta da Índia à crise de 1857-1858

Enquanto iniciava o seu trabalho nos *Grundrisse*, Marx dava continuidade a uma série de artigos para o *New York Tribune* sobre a revolta indiana. No começo de 1857, um motim local de alguns regimentos de Sepoy disparou o que foi depois chamado de primeira guerra indiana pela independência. A revolta e sua violenta supressão pela intervenção das forças britânicas preocuparam os europeus, assim como o público americano. Afinal, a Índia era crucial para o Império Britânico e, para os britânicos, fora difícil recuperar o controle de sua colônia indiana. Desde a sua primeira série de artigos tratando do domínio inglês sobre a Índia, escrita e publicada em 1853, Marx passara a ser considerado um especialista nessa matéria. Ele e Engels continuaram a escrever sobre a revolta indiana e sobre a sua supressão, até 1859. Engels, em particular, produziu vários artigos tratando das operações militares que eventualmente levaram à reconquista de Deli pelas tropas britânicas. Marx escreveu sobre os acontecimentos políticos que se seguiram à revolta inicial no exército colonial indiano, a qual ele cobriu em seu primeiro artigo, publicado destacadamente no *New York Tribune* de 15 de julho de 1857; em muitos artigos sobre a revolta indiana que se seguiram, ele transitou entre os eventos na Índia e os eventos no governo e o parlamento britânico, os quais se envolveram em intermináveis debates sobre como tratar a "questão indiana".[2]

2 Até agora, a mais completa edição dos artigos de Marx e de Engels tratando da revolta indiana é aquela que pode ser encontrada no volume 15 das suas obras completas (*Collected Works*). No total, Marx enviou 36 artigos (onze dos quais foram escritos por Engels) ao *New York Tribune*, de julho de 1857 a setembro de 1858.

Em setembro de 1857, quando não era claro se o exército britânico conseguiria ou não obter novamente o controle da Índia, escreveu um artigo tratando dos custos e benefícios do domínio britânico sobre a Índia: quem estava na verdade lucrando com o esforço de guerra, quanto custava e que benefício, se algum, trazia para o povo britânico. Em anos anteriores, já havia escrito sobre o sistema de impostos e as finanças da Índia. Agora, demonstrava o custo real da dominação britânica da Índia para os pagadores de impostos do país imperialista. Chegou à conclusão de que somente alguns poucos milhares de indivíduos lucravam com a presença britânica na Índia, enquanto que, para a maioria do povo, a Índia representava algo muito custoso (cf. MARX e ENGELS, 1986, p. 349-352).

De agosto de 1857 em diante, os acontecimentos da crise mundial de 1857-1858 preocuparam tanto Marx quanto Engels, pois eles trocaram regularmente notícias e comentários sobre esse evento em suas correspondências pessoais. À medida que Marx escrevia seus artigos para o *New York Tribune*, usualmente com pressa, reportava regularmente para Engels o que havia escrito. Algumas vezes, utilizava os informes de Engels sobre os eventos da crise.[3] Em seu primeiro artigo sobre a crise monetária que então ocorria na Inglaterra (publicado como artigo principal em 21 de novembro de 1857), Marx lançou um completo ataque à famosa Lei Bancária de 1844: em tempos normais, ela não atuava de modo algum; em tempos de crise, ela "adiciona (...) um pânico monetário, criado pela própria lei, ao pânico monetário resultante da crise comercial" (MARX e ENGELS, 1986, p. 381). Ademais, para superar o pânico monetário, ela tinha de ser suspensa tal como o fora na última crise de 1847. Em seu segundo artigo (publicado sem assinatura em 30 de novembro de 1857), Marx observava orgulhosamente que ele havia antecipado corretamente a suspensão

3 Marx mantinha um livro de anotações (ainda não publicado), onde registrava todos os artigos que enviava ao *Tribune*.

acontecida da Lei Bancária.[4] Nos artigos seguintes, esclareceu as peculiaridades da crise então ocorrente, comparando-a com as crises precedentes de 1839 e 1847. Naquele momento, a crise não era mais uma questão local, mas estava prestes a afetar o mercado mundial como um todo; naquele momento, a crise estava se tornando uma crise industrial que excedia as anteriores em escala e em escopo.[5] A crise monetária estava se espalhando rapidamente de Nova Iorque para Londres e daí para os centros comerciais e financeiros do continente europeu, tais como Hamburgo e Paris. Enquanto a crise monetária em Londres amainava, a crise industrial e comercial ganhava impulso, produzindo "um colapso industrial nos distritos manufatureiros", sem precedentes (*Idem*, 1985, p. 385). Todos os mercados exportadores para a indústria britânica encontravam-se pesadamente estocados; a crise comercial, o número sempre crescente de quebras e falências entre comerciantes e banqueiros começou a retroagir nos produtores industriais; e a crise financeira e monetária se espalhava de um centro financeiro do mundo capitalista para outro (cf. *Idem*, p. 390, 401-402, 411-412). Em particular, Marx descreveu e analisou o pânico monetário em Hamburgo, o qual ocorreu quando o pânico monetário em Londres havia declinado (cf. *Idem*, p. 404n e 411). Em dois artigos (publicados como artigos principais em 12 de janeiro e 12 de março de 1858), Marx tratou o curso peculiar da crise em França (cf. *Idem*, p. 413n, 459n).

Ao todo, ele escreveu mais do que uma dúzia de artigos sobre os acontecimentos da crise na Europa e os enviou aos editores do *Tribune*, dos quais dez foram publicados de novembro de 1857 até março de 1858: oito deles apareceram como principais e dois

4 Na verdade, ela havia sido suspensa por uma segunda vez em 12 de novembro de 1857, tal como Marx previra poucos dias antes (cf. Kratke, 2006, p. 92-93).

5 Em particular, Marx tentou explicar os efeitos da longa demora da crise, a qual, em sua visão, encontrava-se já ultrapassada no começo de 1855 (cf. *Idem*, p. 83-84).

deles não foram assinados. A autoria de um texto denominado *The commercial and industrial state of England* (*A situação comercial e industrial da Inglaterra*), publicado como artigo principal em 26 de dezembro de 1857, pode ser atribuída a Marx sem qualquer dúvida (cf. BAUMGART e RATAJCZAK, 1984). Nesses artigos, Marx fazia uso frequente do material que estava coletando diligentemente para o seu "livro sobre crise". Dois exemplos: no artigo de 26 de dezembro de 1857, ele reproduziu os detalhes das quebras e falências em Londres ocorridas durante as primeiras semanas de dezembro, os quais, na mesma época, haviam sido colecionados para o seu livro sobre crise econômica (cf. *Idem*, 1984, p. 61). Em seu artigo sobre o comércio britânico (publicado sem assinatura no *New York Tribune* em 3 de fevereiro de 1858), Marx fez uso extenso de estatísticas do comércio internacional da Grã-Bretanha com vários outros países e partes do mundo, as quais haviam sido recolhidas em seus cadernos sobre crise nos dias e semanas anteriores.

## Depois da Grande Crise

Embora Marx e Engels estivessem amplamente certos em suas análises das características da crise enquanto crise industrial em escala mundial, o curso dos eventos os surpreendera e os confundira. À medida que a Grande Crise enfraquecia e passava, dois problemas ou enigmas tinham de ser examinados. Primeiro, por que a crise mundial, embora mais profunda do que qualquer outra precedente, tinha sido superada tão rapidamente, deixando para trás o período da depressão duradoura - pelo menos no que se refere à indústria fabril britânica -, fato este que ninguém familiar com a história das crises poderia ter esperado. Segundo, por que a crise na França era bem diferente das crises em outras partes do mundo capitalista. Marx procurou e achou a explicação para ambos os fenômenos na estrutura do comércio mundial da Grã-Bretanha e da França, respectivamente. A Grã-Bretanha fora capaz

de mudar o grosso de suas exportações da Europa continental para as suas colônias; a França fora atingida pela crise apenas quando esta atingira os seus maiores mercados de exportação.

Em seus artigos sobre a crise, Marx foi levado a examinar de modo crítico o saber popular vigente. Obviamente, o livre comércio não havia terminado com a era das crises e dos ciclos econômicos, crises estas que ocorriam em intervalos regulares de tempo e que não podiam ser vistas como meros erros ou acidentes; nem se poderia atribuir à especulação excessiva nos mercados financeiros, ela mesma um resultado e não mais do que uma "antecipação imediata do colapso", a responsabilidade como causa final da crise industrial e comercial (cf. MARX e ENGELS, 1986, p. 400-401). Após a Grande Crise, Marx escreveu dois longos artigos procurando transmitir as suas lições de economia política. Depois da suspensão da Lei Bancária, o governo britânico criou uma comissão parlamentar com a função de descobrir quais seriam as causas reais da crise.

Em seu primeiro artigo – *British trade and finance* (*Finança e comércio britânicos*), escrito em setembro de 1858 e publicado em 4 de outubro de 1857 –, Marx comentou as descobertas dessa comissão: reproduzindo a sabedoria convencional comum e cotidiana, a comissão e seus especialistas encararam a crise como um evento singular, um mero acidente. Falharam em descortinar "as leis que regulam as crises do mercado mundial", ignorando que têm caráter cíclico e periódico. Ademais, a comissão fora incapaz de explicar exatamente como e porque a crise ocorrera no outono de 1857. Permitindo que as características particulares da nova crise se sobrepusessem aos elementos comuns a todas as crises da economia capitalista mundial, ela falhara na apreensão do conjunto. Em seu segundo artigo – *Industry and Trade* (*Indústria e comércio*), escrito e publicado um ano depois, em setembro de 1859 –, Marx confirmou sua visão de que havia "leis da crise" e mesmo leis das crises

cíclicas, as quais poderiam ser descobertas observando períodos longos, assim como comparando vários ciclos sucessivos - tais como os ciclos de 1825-1837, 1837-1847, 1847-1857. Tal exercício mostraria a regularidade e mesmo a lei que poderia ser provada com exatidão matemática, tal como orgulhosamente observava: o nível máximo da produção (industrial) atingido durante cada período de prosperidade indicava o ponto inicial para o desenvolvimento da produção durante o ciclo industrial seguinte - no longo prazo, o caminho do crescimento industrial seguiria uma linha ascendente de um ciclo para o seguinte.

## A crise de 1857-1858 nos manuscritos dos Grundrisse

De acordo com o plano de Marx de 1857-1858, a sua crítica da economia política deveria culminar em dois tratados (ou livros): um deles sobre o mercado mundial e o outro sobre as suas crises. Por todo manuscrito de 1857-1858 encontram-se anotações, algumas vezes mesmo digressões, sobre a teoria e a história das crises modernas. Na visão de Marx, uma teoria da crise teria de ser construída sistematicamente a partir das possibilidades mais elementares de crise, inerentes já às formas da troca, até as predisposições e tendências gerais à superprodução, as quais são próprias ao modo capitalista de produção. Obviamente, Marx escrevia com base nas impressões vívidas dos eventos da Grande Crise, sobre os quais comentava também em seu trabalho diário como jornalista econômico - alusões frequentes aos acontecimentos da crise no presente e no passado recente, assim como sobre a crise de 1857-1858 são diretamente mencionados diversas vezes. Já no capítulo sobre a moeda, ainda inacabado, Marx descreveu e analisou os aspectos propriamente monetários, recorrentes em todas as crises modernas. No contexto de sua teoria do dinheiro - uma teoria que procurava apreender o dinheiro em geral, assim como

o sistema monetário completamente desenvolvido do moderno capitalismo em suas formas mais avançadas –, as crises monetárias são importantes porque mostram a relevância, até mesmo a objetividade, de uma categoria específica, ou seja, do dinheiro como dinheiro (a terceira determinação do dinheiro em Marx, segundo a exposição sistemática das formas e das funções do dinheiro em geral). Durante os períodos de "crise geral", o dinheiro na sua forma real de mercadoria, seja como ouro ou como prata, é a única forma do dinheiro geralmente aceita, em particular na circulação internacional. Aí somente o ouro e a prata são aceitos como meios de pagamento imediatos e finais, assim como na forma de representantes gerais da riqueza. O fato de que somente o dinheiro (ou mercadoria) real é aceito como meio de pagamento válido em qualquer crise monetária (internacional) demonstra que o dinheiro enquanto dinheiro é uma categoria econômica real mesmo nas mais desenvolvidas economia de crédito no mundo capitalista. Foi somente devido à sucessão regular de crises monetárias em 1825, 1839, 1847 e 1857 que os economistas políticos puderam compreender a importância do dinheiro como dinheiro. A súbita recaída no sistema monetário [da moeda mercadoria], tal como ocorre em toda crise monetária, cria uma falsa aparência segundo a qual a falta do dinheiro (ou abundância do crédito) aparece como se fosse a causa real da crise.

Muito depois no manuscrito, Marx se refere a um artigo publicado no *The Economist* de 6 de fevereiro de 1858. Em suas reflexões sobre a crise recente, emergiram ideias curiosas sobre a diferença e as relações entre o capital fixo e o capital circulante. Finalmente, Marx aduziu uma reflexão sobre o impacto das grandes crises tal como a de 1857-1858 na valorização do capital. Tais crises podem ser vistas tanto sintomas da obsolescência do capitalismo como momentos que atrasam e seguram a sua queda. A explanação de Marx sobre isso tem semelhança com as suas reflexões em

andamento sobre as causas da relativamente rápida recuperação ocorrida durante os primeiros meses de 1858: durante as crises, o capital se deprecia em larga escala. As crises são momentos do ciclo de vida do capital e, assim, por meio da "aniquilação de uma grande porção de capital o último é violentamente reduzido, de tal modo que pode seguir empregando fortemente os poderes das forças produtivas, sem cometer o suicídio". Depreciação, aniquilação do capital em larga escala – junto com uma mudança violenta nas estruturas de exportação da Europa para as colônias – essas foram as explicações principais providas por Marx para a rápida recuperação da indústria britânica em seus artigos de jornal de 1858. No entanto, a próxima crise viria – "essas catástrofes regulares levam a sua repetição numa escala superior e, finalmente, à sua derrubada" (MARX, 1973, p. 750). Esta é a verdade da teoria da crise proposta por Marx – toda crise pode ser superada, mas a sua recuperação prepara inevitavelmente o solo para a próxima crise que será pior em relação à anterior.

## Referências bibliográficas

BAUMGART, Klaus e RATAJCZAK, Gertrude. Ein bislang unbekannter Artikel Von Karl Marx über die Weltwirtschaftskrise von 1857. In: *Marx-Engels-Forschungsberichte*, nº 2, p. 57-63, 1984.

KRÄTKE, Michael. Marx als Wirtschaftsjournalist. *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung*. Neue Folge, p. 29-97, 2006.

MARX, Karl. *Grundrisse: Foundations of the critique of political economy (rough draft)*. Harmondsworth: Penguin, 1973.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Marx and Engels Collected Works*. Moscow: Progress Publishers, 1986 [1857-1858], v. 1